



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Faculdade de Letras
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO FACULDADE DE LETRAS

Tragédia e Predestinação: Um Estudo sobre o Destino e o Livre-Arbítrio em Hércules

Ingrid Serpa de Almeida

Rio de Janeiro

2025

INGRID SERPA DE ALMEIDA

Tragédia e Predestinação: Um Estudo sobre o Destino e o Livre-Arbítrio em Hércules

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
Letras: Português e Japonês, da
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
para obtenção do grau de Licenciada em
Letras: Português e Japonês.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Pinto de Souza

RIO DE JANEIRO 2025

CIP - Catalogação na Publicação

SERPA DE ALMEIDA, INGRID

S486t Tragédia e Predestinação: Um Estudo sobre o Destino e o Livre-Arbitrio em Hércules / INGRID SERPA DE ALMEIDA. -- Rio de Janeiro, 2025.

49 f.

Orientador: Ricardo Pinto de Souza. Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Japonês, 2025.

1. Tragédia e Predestinação. 2. Destino, Escolhas condicionadas e o Livre-Arbitrio . 3. Hércules. 4. A Mitologia Grega e a Relação com o Destino: Entre Heróis, Deuses . 5. A Construção do Destino em Hércules. I. Pinto de Souza, Ricardo , orient. II. Título.


FOLHA DE APROVAÇÃO

INGRID SERPA DE ALMEIDA

Tragédia e Predestinação: Um Estudo sobre o Destino e o Livre-Arbítrio em Hércules

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras: Português e Japonês, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, para obtenção do grau de Licenciada em Letras: Português e Japonês.

Aprovada em: __26__ / __03__ / __2026__

Documento assinado digitalmente
 **RICARDO PINTO DE SOUZA**
Data: 20/03/2026 15:31:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador: Prof Dr. Ricardo Pinto de Souza

Rachel Antonio Soares

Leitora Crítica: Profª Dra. Rachel Antonio Soares

RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão teórica sobre os conceitos de destino, livre-arbítrio e escolhas condicionadas, articulando diferentes abordagens filosóficas e culturais que discutem os limites da liberdade humana diante de forças externas e inevitáveis. Partindo da tradição mitológica grega, especialmente das narrativas associadas a Hércules, conforme representadas na obra de Galdino e na adaptação cinematográfica *Hércules*, da The Walt Disney Company, que servem de base para esta análise, busca-se compreender como a ideia de destino atravessa tanto as produções simbólicas da antiguidade quanto os dilemas éticos contemporâneos. A figura de Hércules é aqui utilizada como recurso secundário, a fim de exemplificar simbolicamente a tensão entre imposição e escolha. Por meio de uma análise bibliográfica e comparativa, o estudo investiga se a ação humana pode ser pensada como verdadeiramente livre, ou se está, em alguma medida, submetida a condicionamentos inevitáveis. A pesquisa contribui, assim, para o debate sobre responsabilidade, autonomia e moralidade, partindo de bases filosóficas, literárias e culturais.

Palavras-chave: destino; livre-arbítrio; escolhas condicionadas; Hércules; filosofia.

ABSTRACT

This paper proposes a theoretical reflection on the concepts of destiny, free will, and conditioned choices, articulating different philosophical and cultural approaches that discuss the limits of human freedom in the face of external and unavoidable forces. Starting from the Greek mythological tradition, especially the narratives associated with Hercules, as represented in Galdino's work and in the film adaptation *Hercules* by The Walt Disney Company, which serve as the basis for this analysis, the study seeks to understand how the idea of destiny permeates both the symbolic productions of antiquity and contemporary ethical dilemmas. The figure of Hercules is used here as a secondary resource, in order to symbolically exemplify the tension between imposition and choice. Through a bibliographic and comparative analysis, the study investigates whether human action can be thought of as truly free, or whether it is, to some extent, subject to unavoidable conditioning. The research thus contributes to the debate on responsibility, autonomy, and morality, based on philosophical, literary, and cultural foundations.

Keywords: destiny; free will; conditioned choices; Hercules; philosophy.

SUMÁRIO

FOLHA DE APROVAÇÃO.....	4
RESUMO.....	5
ABSTRACT.....	6
SUMÁRIO.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
1.1. Desafio da pesquisa.....	10
1.2. Objetivos da pesquisa.....	10
1.3 Justificativa.....	10
1.4 Metodologia.....	11
1.4.1 Tipo de pesquisa.....	11
1.4.2. Área de Abrangência.....	11
1.4.3 Coleta e tratamento dos dados.....	12
2. UMA ANÁLISE INTERDISCIPLINAR DAS NARRATIVAS MÍTICAS E SUAS IMPLICAÇÕES FILOSÓFICAS.....	13
2.1 A relação entre o sentido da vida e o destino.....	13
2.2 Destino vs. Liberdade: entre escolhas condicionadas e a ilusão do livre-arbítrio.....	21
3. ANÁLISE COMPARATIVA DAS NARRATIVAS DE HÉRCULES: DESTINO, SEMELHANÇAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE HISTÓRIAS.....	28
3.1 A Mitologia Grega e a relação com o destino: entre heróis, deuses e tragédias.....	28
3 .2. Resumo de obras e leitura crítica: a construção do destino em Hércules.....	31
Hércules - o filme.....	31
Hércules e os 12 trabalhos.....	35
3.3. Análise comparativa: representações do destino sobre Hércules.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

INTRODUÇÃO

A noção de destino sempre ocupou um lugar central nas reflexões humanas sobre liberdade, responsabilidade e sentido da vida. Este trabalho propõe uma abordagem conceitual sobre três noções fundamentais — destino, livre-arbítrio e escolhas condicionadas — que atravessam tanto a filosofia quanto a mitologia. O objetivo é investigar como essas ideias se articulam e se tensionam, buscando compreender em que medida a ação humana é determinada, condicionada ou verdadeiramente livre.

Para explorar essas tensões, o trabalho tem como principal base simbólica a narrativa de “Os Doze Trabalhos de Hércules”, conforme a reinterpretação de Luiz Galdino. Essa versão do mito será analisada em profundidade, por representar de maneira densa e trágica a relação entre culpa, punição e imposição externa — temas centrais para a discussão proposta. A escolha por essa narrativa decorre de sua força emblemática como representação das ações humanas submetidas a determinações que ultrapassam a vontade individual.

Como apoio complementar à análise central de “Os Doze Trabalhos de Hércules”, serão consideradas outras representações simbólicas contemporâneas que dialogam com os temas do destino, da liberdade e das escolhas condicionadas, sendo norteadas pela filosofia ocidental, embora haverá também referência japonesa, com base no pensamento chinês. A animação da Disney (1997) sobre Hércules, por exemplo, apresenta uma abordagem mais leve e voltada ao público infantil, mas mantém a ideia de um herói cuja trajetória é guiada por forças maiores. O filme *Soul* (2020), produzido pela Pixar, por sua vez, propõe uma reflexão existencial sobre propósito e vocação, questionando até que ponto a vida é dirigida por um destino pré-estabelecido ou construída por decisões pessoais. Já o filme “*Cartas para Julieta*” (2010) evoca o papel das coincidências e dos encontros imprevistos na construção do sentido da vida, enquanto o filme “*Como Seria Se...*” (2022) aborda a ideia de múltiplos caminhos possíveis a partir de uma única escolha, sugerindo uma tensão permanente entre liberdade e determinismo. A lenda japonesa *Akai Ito*, que trata do fio vermelho do destino conectando pessoas predestinadas a se encontrar, também será referenciada como referência simbólica de uma concepção não-ocidental sobre a inevitabilidade dos vínculos e eventos marcantes da vida.

O contraste entre essas diferentes abordagens narrativas e culturais permite refletir sobre como o imaginário contemporâneo ressignifica, a partir de diferentes lentes, os dilemas filosóficos que envolvem o destino e a autonomia. Ainda assim, o foco principal deste trabalho recairá sobre os Doze Trabalhos de Hércules, enquanto metáfora densa das escolhas impostas, da responsabilidade trágica e dos limites da liberdade individual diante de forças que escapam ao controle humano. A mitologia grega, especialmente em suas tragédias, oferece um cenário fértil para refletir sobre a inevitabilidade do destino e suas consequências para a agência humana. Embora Hércules seja tradicionalmente lembrado por sua força e heroísmo, suas narrativas revelam uma existência marcada por imposições superiores, tragédias familiares e tarefas determinadas por outros — características que o tornam um símbolo potente das ações condicionadas pelo destino.

Este trabalho, portanto, pretende discutir o conceito de destino, contrastando diferentes concepções de liberdade (absoluta ou condicionada) e examinando de que forma o mito de Hércules — em suas reinterpretações modernas, com ênfase na obra de Galdino (2000) — pode servir como recurso simbólico para pensar o conflito entre destino e ação humana. A análise será orientada por contribuições teóricas da filosofia e da psicologia, como Friedrich Nietzsche, Viktor Frankl, Aristóteles, Jean-Pierre Vernant e Pierre Vidal-Naquet. Além disso, autores contemporâneos como Garmatz e Molon são fundamentais para a reflexão proposta, que dialogará ainda com elementos da filosofia oriental (como a lenda japonesa *Akai Ito*), compondo uma leitura contemporânea de questões ancestrais que ainda ressoam nos dilemas cotidianos da vida humana.

1.1. Desafio da pesquisa

A tensão entre destino e liberdade constitui uma das questões mais persistentes na história do pensamento humano. Desde a Antiguidade, diversas tradições culturais, religiosas e filosóficas têm se debruçado sobre a tentativa de compreender em que medida a existência humana é governada por forças inevitáveis ou, ao contrário, determinadas pelas escolhas individuais. No contexto da mitologia grega, essa problemática é evidenciada em inúmeras narrativas heróicas, nas quais os personagens se veem diante de eventos predestinados marcados pela imposição de um destino traçado pelos deuses, levantando questões sobre a capacidade humana de agir livremente e sobre os limites da autonomia diante de forças superiores. Assim, surgem os seguintes questionamentos: até que ponto o destino pode ser considerado uma força inevitável na vida humana? Como as escolhas individuais se inserem em um contexto de predestinação e de que maneira essas concepções dialogam com noções contemporâneas de responsabilidade moral, ética e autonomia individual?

1.2. Objetivos da pesquisa

O presente trabalho tem como objetivo analisar, por meio de uma análise teórica e filosófica, considerando suas manifestações em narrativas simbólicas pertencentes à cultura ocidental, como o conceito de destino influencia a vida humana. Para isso, toma como referência as narrativas míticas contemporâneas de Hércules como exemplo ilustrativo que refletem a tensão entre o destino inevitável e a ilusão de escolha. A análise busca, assim, desenvolver uma proposta que permita o questionamento sobre a relação entre escolhas condicionadas e escolhas livres.

1.3 Justificativa

A escolha por investigar o conceito de destino justifica-se por sua relevância contínua nas discussões éticas, existenciais e filosóficas. Compreender se as decisões humanas são, de fato, livres ou condicionadas por estruturas sociais, culturais, biológicas ou míticas é essencial para repensar os fundamentos da responsabilidade moral e do comportamento humano.

Embora a figura de Hércules não constitua o foco central desta pesquisa, sua narrativa simbólica revela-se pertinente como instrumento ilustrativo das tensões entre autonomia e imposição. Sua trajetória, marcada por tarefas compulsórias, sacrifícios e ordens determinadas por forças superiores, reflete conflitos que ainda ressoam nas formas contemporâneas de compreender os conceitos de dever, liberdade e responsabilidade.

O uso do mito, nesse contexto, não se propõe à análise do mito enquanto objeto literário ou histórico, mas sim à sua mobilização como espelho simbólico de uma problemática filosófica mais abrangente: somos sujeitos livres ou estamos submetidos a condicionamentos inevitáveis?

Ao articular mitologia, filosofia e contemporaneidade, esta pesquisa visa contribuir para um debate interdisciplinar que permanece atual, oferecendo subsídios conceituais que favorecem uma reflexão crítica acerca das escolhas humanas e de seus limites, no interior de uma tradição de pensamento que atravessa séculos da história intelectual.

1.4 Metodologia

Este capítulo tem a finalidade de apresentar a metodologia e desenvolvimento da presente monografia.

1.4.1 Tipo de pesquisa

A presente monografia está embasada em uma abordagem qualitativa, conforme Vergara (2000 p. 48): “é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral”, que objetiva explorar através de dados textuais a(s) possível/possíveis motivação/motivações e contexto(s) para a construção da questão entre destino e livre arbítrio.

Quanto aos meios de investigação, será uma pesquisa documental e bibliográfica. Conforme Bervian (1996), a pesquisa bibliográfica é o meio de formação por excelência.

1.4.2. Área de Abrangência

Visto isso, a área de abrangência dos meios de investigação, será uma pesquisa documental e bibliográfica. Conforme Bervian (1996), pesquisa bibliográfica é o meio de formação por excelência. A pesquisa situa-se na interseção entre filosofia, literatura e mitologia para examinar os conceitos de destino e livre-arbítrio, assim como as implicações filosóficas dessas ideias sobre a moralidade e a responsabilidade humana. A narrativa de Hércules será utilizada como recurso simbólico e comparativo, especialmente em versões modernas (como a adaptação de Luiz Galdino e o filme da Disney), apenas para ilustrar tensões entre imposição e escolha.

A interpretação dos dados obtidos por meio do levantamento bibliográfico será guiada pelas perguntas abordadas anteriormente e pelos objetivos estabelecidos neste estudo. A partir das reflexões extraídas das fontes, será elaborada uma discussão teórica que articule os conceitos de destino, livre-arbítrio e responsabilidade moral, estabelecendo conexões com as práticas culturais contemporâneas.

1.4.3 Coleta e tratamento dos dados

Vale ressaltar que os dados coletados para a realização desta pesquisa foram obtidos por meio de acesso à internet, leitura de material bibliográfico relevante de especialistas na área, bem como pela análise de outras monografias relacionadas ao tema.

2. UMA ANÁLISE INTERDISCIPLINAR DAS NARRATIVAS MÍTICAS E SUAS IMPLICAÇÕES FILOSÓFICAS

2.1 A relação entre o sentido da vida e o destino

Viver pode ser uma experiência marcada pelo medo e pela incerteza. Muitas vezes, afirma-se que cada indivíduo nasceu para realizar algo específico, mas como identificar qual seria essa tarefa? E se, ao longo do caminho, a escolha feita for errada? Essa dúvida pode se tornar uma fonte de angústia, capaz de paralisar por um longo período.

Mais cedo ou mais tarde, mais dias ou menos dias, todo mundo acaba por ouvir esta pergunta: "Tu acreditas em destino?" Seja sob a forma de uma cantada barata ou em uma conversa aleatória carregada de tons místicos, seja como proposta de conforto diante das fatalidades da vida ou como um pensamento que nos acerta em cheio em um dia chuvoso propício à introspecção, todos somos, em algum momento, confrontados com a ideia de destino. Essa é uma questão que acompanha a humanidade há milênios, desde a Antiguidade. Há quem opte por acreditar que é senhor de sua própria história e que com suas atitudes e escolhas determina livremente o seu futuro, sendo tutor absoluto dos seus caminhos, detentor soberano da caneta que escreve seus dias. Talvez pensar assim seja mais confortável, mais plausível, até mesmo mais instintivo; com certeza é um sistema pelo qual se pode viver. (GARMATZ, 2020, p. 12).

No filme *Cartas para Julieta*, esse dilema é abordado de forma significativa por meio de uma reflexão sobre as palavras "e" e "se". Em português uma das falas: “ ‘E’ e ‘se’ são palavras que, isoladamente, não apresentam ameaça alguma. Mas, quando colocadas juntas, lado a lado, têm o poder de nos assombrar por toda a vida.” (*Cartas para Julieta*, dir. Gary Winick, 2010). Essa reflexão apresentada no filme ilustra como os dilemas relacionados ao livre-arbítrio, ao sentido da vida e ao destino permanecem relevantes na cultura contemporânea, promovendo uma conexão direta com o imaginário atual do espectador, pois ecoa no pensamento de muitos, especialmente ao nos questionarmos: “E se eu não tivesse feito isso?”. A ideia de mudar o passado, desfazer erros ou escolher uma opção melhor é tentadora. Contudo, o que define nossas escolhas? Assim como no ditado popular “colhemos aquilo que plantamos”, somos constantemente confrontados pelas consequências – positivas e negativas – de nossas decisões.

O filme *Cartas para Julieta*, dirigido por Gary Winick, é um romance dramático, subgênero da ficção, entrelaçando delicadamente os fios do acaso, da escolha e das

afetividades interrompidas, mas jamais esquecidas. Ambientado na pitoresca cidade de Verona, marco simbólico do amor trágico entre Romeu e Julieta, o filme conduz o espectador a uma reflexão profunda sobre os caminhos que o destino traça e os desvios que a vontade humana ousa percorrer.

A protagonista, Sophie, uma jovem norte-americana em busca de sentido e autenticidade em sua vida pessoal e profissional, descobre um curioso grupo de mulheres que respondem às cartas deixadas por visitantes para Julieta, a famosa personagem de Shakespeare. Ao se deparar com uma carta antiga, escrita por uma mulher inglesa - Claire - que, décadas antes, renunciara a um grande amor em nome de convenções e incertezas. Instigada pela força daquele relato, Sophie decide responder à missiva, desencadeando uma jornada com o intuito de ajudar Claire a se reconciliar com o passado.

A narrativa, permeada por paisagens italianas de rara beleza, articula com sutileza os limites entre o que nos é dado pelo destino e aquilo que elegemos com nossa autonomia. A história de Claire e Lorenzo — amantes separados pela hesitação e reunidos pela persistência da memória afetiva — oferece um contraponto ao percurso de Sophie, cuja relação amorosa inicial revela-se incompatível com seu amadurecimento emocional. Nesse sentido, o filme propõe que, embora o destino possa apresentar possibilidades, é na liberdade das escolhas — e, por vezes, na coragem de refazê-las — que reside a autenticidade do amor.

Por fim, o filme convida a todos à contemplação dos desencontros como pausas, e não como fins. Ao reunir os amantes de outrora e ao permitir que Sophie encontre, no improvável, a promessa de um amor genuíno, o filme celebra os reencontros que, embora tardios, revelam-se profundamente transformadores.

"Cartas para Julieta" é um exemplo de como o cinema atual ressignifica a ideia de destino, especialmente no campo das relações afetivas. A reflexão sobre os termos “e” e “se” no roteiro se conecta com a angústia contemporânea diante da possibilidade de escolhas erradas e da incerteza sobre o futuro — tópicos centrais no debate sobre livre-arbítrio e predestinação. Essa obra contribui para indicar como o destino ainda é tema recorrente mesmo fora da mitologia, reforçando sua permanência no imaginário humano.

As escolhas que fazemos orientam a direção de nossas vidas, selecionando, entre infinitas possibilidades, aquelas que se tornam realidade. Essas possibilidades são contingentes: podem ou não vir a existir. Além disso, muitas vezes são incompatíveis entre si,

de forma que, ao concretizar uma delas, as demais são excluídas. Dessa forma, a realidade se configura com base nas escolhas realizadas, determinando o que se manifesta e o que permanece como algo inacessível.

A possibilidade de conhecer o futuro é amplamente desejada, especialmente devido ao peso que acompanha nossas escolhas. Ao optar por um caminho, automaticamente descartamos outros, e isso levanta a inquietante dúvida: e se estivermos escolhendo o caminho errado? A liberdade, nesse sentido, traz consigo a responsabilidade, pois somos, muitas vezes, os arquitetos das consequências de nossas ações – ou, como se costuma dizer, colhemos aquilo que plantamos.

A literatura frequentemente aborda a temática do futuro e, em várias obras, é o próprio conhecimento prévio dos acontecimentos que os torna reais. Algumas narrativas sugerem que certos eventos estão fadados a acontecer, e a tentativa de evitá-los é, paradoxalmente, o que os concretiza. Essa busca incessante por prever o futuro, preveni-se ou estar preparado para o que virá reflete o temor humano de errar. Saber o próximo passo oferece uma sensação de segurança, reduzindo a angústia das incertezas. Contudo, a ideia de um destino inescapável pode ser ainda mais desconfortável, pois implica que, em algumas situações, não somos responsáveis pelos resultados. Se o erro já é temido, maior é o desconforto de enfrentar consequências que não decorrem de nossas escolhas. Nesse contexto, a percepção de colher aquilo que não foi plantado pode parecer uma grande injustiça.

Muitos indivíduos relutam em conceber-se como seres destinados, alegando não serem marionetes nem robôs, mas, sim, responsáveis pela totalidade de sua trajetória histórica. Tal resistência é compreensível; é temeroso ter o destino traçado sem compreender qual é esse percurso, o que pode gerar um turbilhão de questionamentos e abalar profundamente as certezas de cada um, lançando-as ao vento. Dessa resistência também surge a tendência de evitar o tema, fenômeno tão comum quanto a procrastinação.

O propósito do destino não é determinar se somos seres livres ou marionetes obrigados a cumprir um caminho pré determinado, sem qualquer autonomia de agência. A discussão sobre o destino, sob a perspectiva filosófica, pode ser entendida como uma tentativa de conferir sentido à existência humana, proporcionando-lhe um direcionamento que se oponha à banalização da vida e incentive a busca por um propósito existencial.

A falsa noção de liberdade pode proporcionar uma sensação de tranquilidade. Afinal, a liberdade é, frequentemente, entendida como a capacidade de agir sem restrições. No entanto, como já foi mencionado, essa liberdade é ilusória. As decisões humanas são moldadas por uma infinidade de fatores, incluindo os culturais, sociais, psicológicos e até biológicos. Assim como em um cardápio, temos opções, mas essas opções são limitadas ao que nos é oferecido. Ninguém é completamente livre, pois estamos imersos em estruturas que influenciam nossas escolhas. Por outro lado, a sensação de perda de liberdade pode gerar angústia e até levar a comportamentos extremos. Quando um indivíduo se percebe refém de uma situação ou forçado a seguir um caminho, o desejo de escapar pode se tornar avassalador. Essa dinâmica reflete a complexidade do que significa ser livre e agir de acordo com a própria vontade. Quando um ser humano se sente sem opções, isso o impulsiona a buscar uma fuga. Esse fenômeno é ilustrado por uma lenda chinesa sobre o destino amoroso, que no Japão é conhecida como *Akai Ito* — fio vermelho —, cada pessoa estaria ligada à sua alma gêmea por um fio invisível preso ao dedo mindinho, que conecta os destinos amorosos, independentemente do tempo, lugar ou circunstâncias. Na versão chinesa, o fio está preso pelo tornozelo, essa narrativa, ainda que simbólica, ilustra a concepção de uma predestinação amorosa compartilhada por diversas culturas (EBRAMEC, 2025).

A lenda *Akai Ito* (fio vermelho), embora pertença a uma tradição distinta da mitologia grega, compartilha a noção de um destino amoroso inescapável. A utilização dessa narrativa no presente trabalho visa ilustrar como diferentes culturas desenvolvem mitos semelhantes sobre conexões predestinadas, reforçando a universalidade da pergunta: somos livres para escolher quem amamos ou estamos atados a um enredo pré-definido? Essa lenda oferece um contraponto simbólico e emocional à discussão filosófica, ampliando o escopo cultural da análise.

Retomando a lenda do *akai ito*, a história narra que um homem, a caminho de visitar sua noiva, encontrou um velho que se apresentou como o deus Xia Lao Yue, deus do amor e do casamento. Esse deus, com o poder de ligar almas gêmeas por meio de uma corda vermelha invisível, afirmou que a mulher que o homem estava prestes a visitar não era o grande amor de sua vida. O velho acrescentou que o destino do homem estava ligado a um bebê. O homem, não acreditando no que lhe foi dito e tomado de raiva, ordenou que se incendiassem a casa onde o bebê morava, com a intenção de matá-lo. Após o incêndio, o homem casou-se com sua noiva, mas foi infeliz em sua união. Anos mais tarde, após a morte de sua esposa, o homem conheceu e se casou com uma mulher com quem viveu feliz. A

mulher era o bebê que ele havia tentado matar, mas sobreviveu ao incêndio graças à mãe, que a envolveu em um saco molhado. Embora seus pais tenham morrido no incêndio, a criança escapou e, anos depois, tornou-se sua esposa. Esse é um exemplo de destino trágico, pois, ao tentar fugir do que lhe foi destinado, o homem cometeu uma atrocidade e perdeu uma pessoa (sua segunda esposa), aquilo que mais amava.

Às vezes, a ilusão de liberdade pode ser mais prejudicial do que aquilo que nos é destinado. A busca incessante por controle e escolha pode levar a consequências imprevistas, mostrando que o destino, muitas vezes, exerce um poder sobre nossas vidas que vai além de nossa compreensão e controle.

A angústia de não saber se estamos vivendo conforme deveríamos, ou de nos sentirmos presos em um futuro que nunca chega, é uma inquietação comum. Muitas pessoas se concentram tanto naquilo que desejam alcançar que acabam negligenciando o valor do que já possuem. O filme *Soul* (DOCTER; POWERS, 2020), produzido pelos estúdios Pixar Animation Studios, apresenta uma narrativa que transcende os limites do gênero da animação voltada ao público infantojuvenil ao abordar, com profundidade, temas existenciais e filosóficos, especialmente no que se refere à busca pelo sentido da vida. A trama acompanha a trajetória de Joe Gardner, um professor de música insatisfeito com sua carreira, que sonha em se tornar um músico profissional de jazz. Prestes a realizar esse objetivo, Joe sofre um acidente e é conduzido ao “Pré-Vida”, um espaço metafísico no qual as almas se preparam para encarnar na Terra. Nesse ambiente, ele conhece a alma 22, que resiste à ideia de viver, e juntos iniciam uma jornada de autoconhecimento e transformação.

A construção simbólica do enredo propõe uma reflexão sobre a noção de propósito existencial, inicialmente representado, para Joe, pela concretização de um ideal profissional e artístico. A visão que o personagem sustenta no início do filme é marcada por uma perspectiva teleológica da vida, na qual o valor da existência se associa à realização de um objetivo específico. No entanto, tal concepção é gradualmente desconstruída no decorrer da narrativa, que passa a defender uma abordagem mais aberta e fluida do sentido da vida. Com esse objetivo são apresentados dois personagens cujas trajetórias existenciais ilustram formas distintas de relação com a vida: a alma 22, que demonstra resistência e temor diante da perspectiva de viver, e Joe Gardner, um homem que, obcecado pela realização de um propósito idealizado — tornar-se um músico de jazz reconhecido —, acaba por negligenciar o valor do presente e permitir que o tempo transcorra de forma quase despercebida.

A evolução narrativa dos dois personagens permite uma interlocução direta com elementos centrais da filosofia existencialista, em especial com as ideias desenvolvidas por Viktor Frankl. Para Frankl (2016), o sentido da vida não é algo absoluto ou pré-determinado, mas pode ser construído subjetivamente a partir das experiências vividas, com base nas escolhas desejadas, no livre arbítrio, mesmo em contextos de sofrimento e adversidade. Frankl (2015, p. 26) afirma que “[...] existe, portanto, um sentido para cada um, e para cada um existe um sentido especial [...] O sentido da vida muda de situação para situação e de pessoa para pessoa”. Essa concepção é visivelmente representada na trajetória da alma 22, que apenas desperta o desejo de viver ao entrar em contato com experiências simples e sensoriais do cotidiano humano — como sentir a brisa, degustar uma fatia de pizza ou observar o cair das folhas.

Tais vivências contribuem para reforçar a compreensão de que o sentido da vida não está necessariamente atrelado a grandes conquistas ou feitos extraordinários, mas pode emergir da valorização consciente e sensível dos detalhes ordinários que constituem a experiência humana. A partir dessa perspectiva, *Soul* oferece uma representação simbólica da transição do ideal de um propósito fixo para a descoberta de um sentido mais existencial e presente na vivência cotidiana, o que está em consonância com o pensamento existencialista contemporâneo, pois a narrativa sugere que a vida possui valor em si mesma e que o simples ato de vivê-la, com presença e sensibilidade, já é, por si só, suficiente para conferir-lhe sentido. A fim de que Joe se liberte de sua fixação e passe a refletir sobre a própria vida há uma cena emblemática em que o protagonista, Joe Gardner, é confrontado com uma retrospectiva simbólica de sua existência, visualizada por meio de uma sala que reúne suas principais realizações ao longo da vida. Essa representação pode ser interpretada à luz do conceito do "eterno retorno", desenvolvido por Friedrich Nietzsche (1844–1900). O "eterno retorno" propõe uma reflexão sobre a repetição infinita da vida tal como ela é, em todos os seus detalhes, convidando o indivíduo a considerar se aceitaria viver a própria vida inúmeras vezes, da mesma forma. Nietzsche apresenta esse pensamento como "o maior dos pesos", conferindo-lhe um papel central em sua obra e no entendimento da existência humana.

Ao observar a reação de Joe diante de suas conquistas e frustrações, é possível perceber um paralelo com a proposta nietzschiana: a necessidade de reavaliar o sentido da própria trajetória e o modo como se vive a cada momento. A cena, portanto, não apenas dramatiza um balanço de vida, mas evoca a pergunta central do "eterno retorno": se esta fosse sua única vida, você a viveria novamente?

E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: "Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem — e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente — você com ela, partícula de poeira!" Você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou?

Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: "Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!" Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é, ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e em cada coisa, "Você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?" pesaria sobre os seus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo e com a vida, para não desejar nada além dessa última, eterna confirmação e chancela? (Nietzsche, 2012., p. 205.)

Nietzsche propõe uma reflexão profunda: se tivéssemos que viver nossa vida repetidas vezes, exatamente da mesma forma, seria isso um peso insuportável ou algo pelo qual seríamos gratos? Por meio da metáfora de um demônio que nos condena a essa repetição infinita, o filósofo nos desafia a avaliar nossas escolhas e nossa existência. Caso consideremos essa ideia um fardo, Nietzsche sugere que reavaliemos nossa vida, buscando compreendê-la e aceitá-la como ela é.

O filme *Soul*, da Pixar, lançado em 2020, é utilizado neste trabalho como ferramenta para refletir sobre o sentido da vida e a liberdade de escolha. A narrativa do protagonista Joe Gardner explora a frustração diante de um propósito idealizado e o redescobrimiento da beleza do cotidiano. Essa abordagem permite articular a discussão filosófica do destino com a ideia nietzschiana do “eterno retorno”, inserindo o espectador numa reflexão sobre o que realmente confere valor à existência. A escolha do filme visa evidenciar como os antigos dilemas existenciais ainda são vivenciados, mesmo que sob novas abordagens culturais, pois apresenta um cenário que reforça essa reflexão, ao ilustrar momentos da vida do protagonista e questionar se realmente vivia plenamente ou se estava apenas se preparando para um futuro incerto, negligenciando o presente. Essa narrativa sintetiza a valorização do processo em detrimento do resultado, um tema recorrente em debates filosóficos e culturais sobre a busca de propósito e significado. A mesma perspectiva é expressa na canção *The Climb* de Miley Cyrus, do álbum *Hannah Montana: The Movie* (Walt Disney Records, 2009), de Miley Cyrus: sintetiza o conceito de que o sentido da vida está no processo e não apenas no resultado, que a existência encontra sentido no próprio movimento, no esforço e na coragem de continuar, mesmo diante da incerteza. Ao declarar que “Sempre haverá outra montanha / Eu sempre vou querer fazê-la se mover”, a música ecoa uma crítica à busca incessante por metas inatingíveis

e ao desejo de controle absoluto sobre o futuro. A mensagem subjacente enfatiza que sempre haverá obstáculos e novas metas a serem enfrentadas, mas o essencial é compreender que a vida não se resume à realização de objetivos, ao ponto final ou ao “pote de ouro no fim do arco-íris” — ela reside justamente em todo o trajeto percorrido, nas experiências vividas ao longo do caminho, na construção subjetiva que ocorre durante o processo. Isso é reafirmado na parte: "O importante não é o quão rápido eu vou chegar lá, nem o que está esperando do outro lado; é a escalada."

Tal mensagem é compatível com visões filosóficas sobre a liberdade e o autodesenvolvimento que dialoga com a noção de escolhas condicionadas e com a percepção de que a liberdade pode estar em aceitar o fluxo da vida, mesmo sem garantias de sucesso final. Tal visão reforça que a vida não deve ser medida apenas pela chegada a um objetivo, mas sim pela jornada e pelas experiências vivenciadas ao longo do caminho. Essa visão se aproxima da noção de — ideia que ressoa tanto com a filosofia de Nietzsche quanto com a narrativa do filme *Soul*.

Esse conceito não interpreta o destino como algo pré-determinado ou inescapável, mas como uma oportunidade de valorizar a vida em suas nuances. Trata-se de fazer escolhas que promovam bem-estar, reconhecer o valor de nossas experiências e atribuir significado às nossas vivências. O filme *Soul* reforça essa mensagem ao mostrar que a jornada pela aceitação e compreensão da vida é contínua, rica em desafios e aprendizados, que nos ajudam a encontrar o verdadeiro sentido da existência, que é o viver. Sendo assim, como superar o temor das escolhas que não dependem de nós e das questões relacionadas ao destino? A busca pelo sentido da vida está intrinsecamente vinculada ao conceito de destino, dado que as vivências humanas são moldadas tanto por escolhas livres quanto por condições que delimitam as possibilidades de ação. Caso se conclua que o sentido da vida reside na aceitação das experiências que atribuem significado às nossas vivências, pode-se afirmar que a distinção entre escolhas livres e condicionadas torna-se irrelevante. Isso ocorre porque tanto as escolhas quanto os condicionamentos influenciam diretamente as experiências vividas, bem como a forma como percebemos e atribuímos significado à existência.

O conceito de destino pode ser analisado a partir de diversas perspectivas. Em sua definição mais elementar, é frequentemente descrito como uma sequência inevitável de eventos, vinculada a uma ordem cósmica que regula tudo o que existe.

O destino pode ser a obra de uma vida inteira, mas também pode ser uma pequena atitude em determinado ponto da estrada, pode ser o desempenho de uma profissão, pode ser cuidar de outra pessoa, pode ser uma fala a alguém que cruza o caminho, pode ser até mesmo algo trivial e corriqueiro. (GARMATZ, 2020, p. 72).

Sob essa perspectiva, o destino é compreendido como uma força natural que orienta a vida dentro de uma estrutura universal inescapável. Esse conceito, tradicionalmente, envolve dois aspectos fundamentais: o primeiro refere-se à necessidade inevitável, frequentemente incompreendida e, por isso, percebida como uma força cega; o segundo diz respeito à perfeita adequação de cada ser ao seu papel no universo, entendido como parte de uma engrenagem indispensável. Dessa forma, cada indivíduo é concebido como uma peça essencial no mecanismo universal, desempenhando o papel que lhe foi atribuído na ordem cósmica. Essa visão sugere uma harmonia intrínseca entre o ser humano e o cosmos, na qual todas as ações e eventos estão interligados, configurando um sistema em que o significado de cada elemento é definido por sua relação com o todo.

A partir dessas interpretações, percebe-se como o conceito de destino atravessa tradições e sistemas de pensamento diversos, unificando-os na busca por compreender as forças que moldam a existência. Ele emerge, portanto, como uma tentativa humana de atribuir sentido à vida, ao mesmo tempo em que reconhece a complexidade e a interdependência dos fenômenos que constituem o universo.

2.2 Destino vs. Liberdade: entre escolhas condicionadas e a ilusão do livre-arbítrio

A noção de destino é colocada em questão quando confrontada com a ideia de liberdade da vontade. Diante disso, é fundamental esclarecer algumas questões. Tudo o que acontece é resultado do destino, ou nada do que ocorre pode ser atribuído a ele? Caso tudo seja obra do destino, não haveria espaço para a ação livre. No entanto, a experiência demonstra que é inegável a existência de escolhas autônomas. Por outro lado, se considerarmos que todas as decisões são fruto exclusivo do livre-arbítrio, um indivíduo poderia, então, escolher seus próprios pais ou sua condição financeira?

Segundo a concepção da teoria aristotélica de ação deliberada, os seres humanos são capazes de agir livremente, sobretudo nas ações de caráter moral, as quais resultam de um

processo racional de escolha consciente. Essa teoria pressupõe a análise do raciocínio prático que guia as condutas humanas, manifestando-se por meio da escolha deliberada. Como destaca Molon (2015), essa liberdade não significa ausência de condicionantes, mas sim a possibilidade de deliberação e escolha dentro de um campo limitado de possibilidades. Aristóteles não adere à concepção de que todos os acontecimentos estão rigidamente determinados por um destino inevitável, como sustentam algumas correntes estóicas ou orientais. Para ele, há, de fato, eventos que escapam ao controle humano — como o nascimento, a origem social, a morte ou o acaso —, mas essa constatação não invalida a liberdade nas ações morais. O filósofo reconhece a existência de limites objetivos à liberdade, impostos por fatores naturais, sociais e culturais; entretanto, mesmo diante dessas restrições, o ser humano é capaz de deliberar e escolher racionalmente, dentro de um certo campo de possibilidades, como deve agir.

O trabalho acadêmico de Molon tem como objetivo investigar a teoria da ação na ética de Aristóteles, especialmente conforme apresentado no Livro III da *Ética a Nicômaco*, com foco nos conceitos de ato voluntário, deliberação, escolha deliberada e responsabilidade moral. A pesquisa busca compreender em que medida esses elementos se articulam na constituição da virtude perfeita, bem como os critérios que permitem a imputação moral ao agente. Parte-se da distinção entre ações voluntárias, involuntárias e mistas, destacando o papel da razão e do desejo na escolha deliberada, e analisa-se como a disposição de caráter do agente influencia sua capacidade de agir eticamente. Tal análise é relevante para o presente trabalho, na medida em que contribui para a fundamentação dos conceitos de ato voluntário, deliberação, escolha deliberada e responsabilidade moral.

Essa teoria pressupõe a análise do raciocínio prático que guia as condutas humanas, manifestando-se por meio da escolha deliberada. A ação é considerada voluntária quando seu princípio originador está no próprio agente e este possui conhecimento das circunstâncias. Contudo, nem toda ação voluntária é deliberada — como ocorre em atitudes impulsivas ou passionais —, embora toda escolha deliberada implique voluntariedade. Além disso, por estar aberta a alternativas opostas, a ação deliberada se caracteriza como indeterminada, o que reafirma a possibilidade de liberdade moral no agir humano.

Para o aprofundamento da condição involuntária para a ação, um dos exemplos mais ilustrativos dessa categoria de ação é o do marinheiro que traz certos sinais da presença do involuntário, mas também do voluntário para o ato. No qual, se observa um cenário durante

uma tempestade, em que é necessário lançar a carga do navio ao mar para evitar o naufrágio. A decisão, embora motivada por uma circunstância externa ameaçadora, é tomada conscientemente e reflete a escolha racional diante de uma situação extrema. Assim, a ação mista expressa a tensão entre o voluntário e o involuntário, revelando a profundidade da análise aristotélica sobre a liberdade humana e a responsabilidade moral. Não se lança uma carga preciosa ao mar por livre e espontânea vontade — esse é o aspecto involuntário da ação. No entanto, a decisão de lançar ou não a carga com o objetivo de salvar a tripulação e a si próprio continua sendo uma escolha voluntária. Ainda que se trate de uma decisão indesejada, não realizada de bom grado, qualquer pessoa sensata optaria por lançar a carga ao mar diante da necessidade de preservar vidas, inclusive a própria. Essa concepção fica ainda mais clara na análise das chamadas ações mistas, as quais revelam a complexidade da relação entre liberdade e coerção. Nessas situações, embora a decisão final de agir pertença ao agente, há a presença de uma força externa — como uma ameaça, pressão ou circunstância adversa — que o induz a agir de determinada maneira. Trata-se de um tipo de ação que, em condições normais, provavelmente não seria realizada daquela forma, se não fosse a interferência do fator externo. Ainda assim, Aristóteles sustenta que a liberdade de escolha permanece presente, ainda que limitada: o agente conserva a capacidade de decidir entre agir ou não, mesmo diante da coerção.

A questão da liberdade frequentemente ocupa o centro de debates filosóficos e existenciais, especialmente no que se refere às escolhas humanas. Ao longo da vida, as decisões que tomamos são influenciadas por uma complexa relação entre escolhas livres e condicionadas, o que torna a noção de liberdade mais intrincada do que aparenta à primeira vista. Desde a Antiguidade, a reflexão filosófica sobre a liberdade de ação tem sido um dos temas centrais do pensamento ocidental, suscitando discussões acerca do determinismo, do livre-arbítrio e da responsabilidade moral. Diversos sistemas filosóficos se debruçaram sobre a tensão entre destino e liberdade, propondo diferentes interpretações, mas Aristóteles apresenta uma abordagem mais equilibrada: embora reconhecesse que certos aspectos da existência humana — como a origem social ou o acaso — escapam ao nosso controle, afirmava que as ações morais resultam de escolhas deliberadas e voluntárias, fundadas na razão prática. Em contraste com essa visão, Friedrich Nietzsche que defende a aceitação integral da vida tal como ela é, sem apelo ao livre-arbítrio tradicional. Para Nietzsche, o verdadeiro indivíduo livre é aquele que afirma seu destino, mesmo diante da repetição eterna dos mesmos eventos. O debate filosófico sobre as ações livres, portanto, busca compreender

em que medida os indivíduos são capazes de agir autonomamente, considerando os limites impostos tanto pela necessidade quanto pela própria existência.

O livro "A soberania do destino - uma busca pelo sentido da vida", de Diogo Mateus Garmatz (2020), propõe uma reflexão profunda e acessível sobre a complexa relação entre destino, liberdade e sentido existencial. A obra não defende nem a completa autonomia humana — como se estivéssemos soltos em um universo indiferente — nem o determinismo absoluto, que nos transformaria em marionetes de um roteiro pré-escrito. Ao contrário: Garmatz busca um caminho filosófico intermediário, onde o destino não anula a liberdade, mas a orienta; onde a existência não é nem fortuita nem fatalista, mas carregada de propósito. O autor conduz o leitor a uma jornada filosófica pelas grandes questões da humanidade: a origem da consciência, o drama do tempo, o papel do sofrimento, a existência de Deus, o mistério da liberdade e a busca por um sentido último que justifique a condição humana. O autor mantém um compromisso com a clareza e a honestidade intelectual, posicionando-se contra o tecnicismo estéril e a retórica vazia, tornando o texto acessível a leitores não iniciados sem comprometer sua profundidade.

Essa obra se mostra relevante pois tem como foco o debate entre escolhas livres e condicionadas, a partir da perspectiva filosófica de Aristóteles. Os temas centrais discutidos por Garmatz — como o destino, o livre-arbítrio, a responsabilidade e o sentido da vida — dialogam diretamente com os elementos presentes na narrativa mítica de Hércules, figura que simboliza a tensão entre o dever e a liberdade moral do agente. Além disso, o livro oferece subsídios conceituais e existenciais que contribuem para aprofundar a análise da deliberação e da ação moral em contextos condicionados por forças superiores ou transcendentais.

Portanto, conforme observa Garmatz (2020), as escolhas livres são concebidas como aquelas em que um indivíduo age de maneira voluntária e consciente, ou seja, quando possui conhecimento das consequências de seus atos e toma decisões sem coerção externa. A liberdade, nesse contexto, assim como a teoria aristotélica está associada à capacidade racional de deliberar sobre diferentes possibilidades e escolher a melhor alternativa de forma consciente. No entanto, Garmatz (2020) também comenta que por meio da extarquia todas as ações humanas são limitadas e determinadas por uma cadeia de causas naturais e necessárias, o que levaria à negação da existência de uma liberdade absoluta e à ideia de que o livre-arbítrio seria, em última instância, uma ilusão:

liberdade de escolha - o destino trataria de limitá-la por meio da Extarquia. É daí que vem a ilusão do livre arbítrio, a "Ilusion of free will", justamente porque nessas circunstâncias, em o que o homem se vê livre como um pássaro no céu para fazer suas escolhas, é que a Extarquia tende a passar batida. Mesmo a sugestão de que a vida esteja levando o homem ao seu destino aparenta ser contraintuitiva; a conspiração da vida arrastando o homem ao propósito de sua existência se torna quase imperceptível. (GARMATZ, 2020, p. 77).

Cada indivíduo possui características singulares, e alguns demonstram habilidades notáveis desde cedo, como se tivessem nascido para determinada atividade, o que comumente se denomina "dom". Além dessas particularidades, todos os seres humanos estão sujeitos a um destino previamente delineado, o qual pode ser observado em fatores e condições que escapam à escolha individual. Exemplos disso incluem a impossibilidade de selecionar a época, o país, a família, a cor da pele, o sexo, a classe social, o idioma falado e o contexto histórico em que se nasce. Além disso, diversos acontecimentos, como doenças, tragédias, fatalidades e eventos aleatórios, influenciam diretamente a trajetória de vida de cada ser.

O destino, nesse sentido, exerce um impacto determinante sobre a existência do indivíduo, conduzindo-o, seja de maneira positiva ou negativa, em direção ao seu propósito existencial. Dessa forma, as circunstâncias que fogem ao controle humano tornam-se elementos estruturantes na concretização desse destino:

O destino não é apenas uma fatalidade que espera o ser no futuro, ele é o sentido da existência do ser, a finalidade para a qual o ser veio a existir. Portanto, o destino se manifesta durante toda a vida do ser, preservando-lhe a liberdade de agência apenas nos aspectos que não entram em contradição com a sua própria essência. (GARMATZ, 2020, p. 66).

Destaque para a estrofe da canção *Toda Forma de Amor*, de Lulu Santos, do álbum *Lulu* (Warner Music Brasil, 1988). "Eu não pedi pra nascer. Eu não nasci pra perder. Nem vou sobrar de vítima das circunstâncias". A música *Toda Forma de Amor*, de Lulu Santos, é mencionada neste trabalho por trazer à tona a rebeldia contra os condicionamentos sociais e existenciais. Em: "Eu não pedi pra nascer, eu não nasci pra perder", expressa que o ser humano não escolhe nascer, assim como não determina as circunstâncias em que viverá ao longo do tempo. Essa condição remete à noção de destino, entendido como a força que estabelece o momento oportuno e as condições necessárias para a manifestação do sentido da existência. Dessa forma, o destino abrange todas as esferas da vida, delimitando as fronteiras da liberdade de ação.

O destino, portanto, rege as possibilidades e organiza a sucessão dos acontecimentos históricos. Se considerarmos que nem todas as ações são absolutamente determinadas, mas sim condicionadas pelo destino, pode-se admitir a existência de um certo grau de liberdade nas escolhas individuais. Contudo, essa liberdade permanece válida apenas na medida em que as decisões tomadas não alterem o curso previamente estabelecido pelo destino.

Um exemplo ilustrativo dessa relação entre destino e liberdade pode ser observado na escolha de aspectos triviais da vida. Caso um indivíduo esteja destinado a realizar uma determinada obra ao longo de sua existência, decisões pontuais não seriam capazes de alterar esse curso. Pode-se considerar, por exemplo, que, se estiver inscrito em sua trajetória o fato de possuir um automóvel ou mesmo de tornar-se um piloto reconhecido mundialmente, tais acontecimentos não dependeriam de escolhas isoladas, mas de um conjunto mais amplo de circunstâncias, disposições e encadeamentos causais que extrapolam decisões triviais. Assim, a opção de escolher a cor do automóvel que adquirirá — seja preto ou cinza — não interferirá nesse propósito. Isso ocorre porque, embora o indivíduo possua a possibilidade de decidir sobre certos aspectos de sua vida, tais escolhas não afetam o cumprimento do destino previamente delineado. Caso contrário, essa decisão deixaria de ser verdadeiramente livre e passaria a integrar o próprio encadeamento causal que conduz ao resultado final.

Embora se afirme que o sentido da vida é viver, é inegável que o ser humano ao longo de sua vida almeja um objetivo a ser alcançado, tanto a longo prazo, como a curto prazo, um ponto a ser atingido, e com base na teoria do destino, esses objetivos podem ser direcionados por forças que vão além do controle humano, ocasionando até mesmo um evento singular do qual não se pode escapar. Ou, caso exista um destino alternativo, há uma interseção de ações livres que se entrelaçam e se ajustam a eventos sucessivos, todos apontando para um clímax, para o cumprimento do destino, seja este de forma negativa ou positiva.

No filme *Como seria se...? (Look Both Ways, 2022)*, dirigido por Wanuri Kahiu, embora se trate de uma narrativa ficcional contemporânea, o filme apresenta uma reflexão filosófica que dialoga diretamente com conceitos abordados desde a Antiguidade, como a ideia de um destino inevitável e a ilusão do controle sobre a própria vida.

A trama acompanha Margaret, uma mulher que, ao revisitar momentos-chave de sua vida, reflete sobre como suas escolhas a conduziram a diferentes caminhos, mas, no fim, a levaram ao mesmo destino. O enredo explora a ideia de que, apesar das decisões distintas

tomadas ao longo de sua vida, as escolhas de Margaret, que ela acreditava serem únicas e independentes, a conduziram a um propósito semelhante ao que teria ocorrido, caso tivesse seguido outro rumo. A narrativa sugere que, embora possamos acreditar ter a liberdade de tomar nossas próprias decisões, nosso destino pode, de fato, ser pré-destinado, com diferentes trajetórias convergindo para um mesmo fim. A história promove uma reflexão sobre como a vida é uma junção de livre-arbítrio e fatores inevitáveis, que moldam nossos caminhos e nos levam, no fim das contas, ao mesmo destino.

O filme inicia com a dúvida sobre a possível gravidez de Margaret, e aos poucos, mostra como sua vida seria nas duas possibilidades: caso estivesse grávida ou caso não estivesse. Na versão em que está grávida, Margaret constrói uma vida estável ao lado do pai do bebê, com foco na maternidade, o que a impede de dedicar tempo à sua carreira. Ao longo dessa jornada, realiza-se em certos aspectos, mas, por outro lado, vê-se restrita e frustrada, deixando de lado suas ambições pessoais e sua verdadeira paixão pela arte. Embora as consequências de suas escolhas a limitam em alguns aspectos, ao final, ela encontra seu propósito quando suas próprias experiências se tornam fonte de inspiração para sua arte, possibilitando-lhe alcançar seu sonho e cumprir seu destino artístico. Na segunda possibilidade, na qual não está grávida, sua vida toma um rumo distinto. Embora enfrente menos dificuldades, sua carreira decola rapidamente, mas ela se depara com a dificuldade de encontrar sua inspiração, algo que ocorreu de forma natural na outra versão de sua vida.

Pode-se considerar que o destino de um indivíduo está relacionado a um evento significativo que dá sentido à sua trajetória de vida, podendo ser um ato heroico, vivido momentos antes de sua morte. Ou talvez seja amar as pessoas que a vida lhe trouxe. Talvez a própria busca pelo destino seja, em si, o próprio destino. Contudo, aquele que encontra seu destino e o abraça vive a certeza de que sua existência possui um propósito e que não é em vão. Independentemente de qual seja o destino, é por ele que estamos aqui e é ele que nos trouxe até este ponto.

3. ANÁLISE COMPARATIVA DAS NARRATIVAS DE HÉRCULES: DESTINO, SEMELHANÇAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE HISTÓRIAS.

3.1 A Mitologia Grega e a relação com o destino: entre heróis, deuses e tragédias

Das duas versões analisadas, além das referências contemporâneas analisadas, como os filmes mencionados anteriormente, é na mitologia que se torna mais evidente a forma como o destino dos heróis é traçado por forças superiores, refletindo, de modo simbólico, a tensão entre escolhas condicionadas e escolhas livres ao longo de suas jornadas. Por essa razão, abordaremos esse aspecto com mais profundidade. As versões analisadas, apesar de serem bastante distintas entre si, apresentam duas releituras do mito de Hércules. Tanto o filme Hércules (Disney, 1997), dirigido por Ron Clements e John Musker, quanto o mito dos doze trabalhos (GALDINO, Luiz. 2000). Os mitos apresentam narrativas que enfatizam a resiliência, a força e a superação de desafios, como se observa na história de Hércules, a qual, embora seja orientada por uma força maior — o destino —, além de possuir um caráter marcadamente trágico, não se enquadram plenamente no gênero da tragédia grega clássica, na qual há uma estrutura específica para as peças teatrais, caracterizada pela presença do coro, diálogos dramáticos e um desfecho catastrófico, como a tragédia grega ‘As traquínias’ que conta exatamente o destino trágico, inevitável e catastrófico de Hércules. Os doze trabalhos de Hércules constituem um conjunto de narrativas míticas: é um herói que sofre, mas alcança a redenção por meio de seus feitos.

As tragédias, por meio de suas narrativas, nos ensinam a associar o destino ao infortúnio daqueles que, assim como os heróis, encontraram sua sorte de maneira trágica. Fundamentada na mitologia e na religiosidade grega, a ideia de destino está ligada ao poder das Moiras, divindades que regem o curso da vida. No contexto da cena trágica, o destino se manifesta como uma fatalidade inevitável e, sobretudo, como consequência direta das ações do personagem. Sem essas ações, o destino não se concretiza, pois, para os gregos, é um desígnio dos deuses que se realizava através das escolhas e dos atos humanos. O destino está interligado tanto nas tragédias, como nos mitos. Hércules na peça teatral *As Traquínias*, de Sófocles, narra os últimos momentos do herói, quando é envenenado acidentalmente por sua esposa Deyanira e morre em grande sofrimento. Nesse caso, trata-se de uma tragédia grega, pois explora o destino inevitável e a dor do protagonista. O destino de Hércules, tanto na

tragédia como no mito, vai estar fortemente influenciado pela vontade dos deuses, especialmente pelo ódio de Hera na versão dos doze trabalhos e por Hades na adaptação da Disney, ambos o perseguindo desde seu nascimento.

De acordo com estudiosos da mitologia, como Joseph Campbell (2007) e Junito Brandão (2004), a mitologia grega constitui um conjunto de narrativas simbólicas que explicam, por meio da fantasia e da tradição oral, aspectos fundamentais da existência humana, da natureza e da cultura. Esses mitos oferecem não apenas explicações sobre o mundo e sua origem, mas também servem como instrumentos pedagógicos e filosóficos que atravessam séculos de reflexão sobre a condição humana. No centro dessas narrativas, encontram-se os deuses, os semideuses e os heróis — figuras que encarnam atributos extraordinários e cujas histórias revelam os conflitos, os valores e os dilemas próprios da sociedade grega antiga.

Os deuses, seres imortais que habitam o Olimpo, representam forças da natureza, aspectos psicológicos e morais, além de estruturas sociais e cósmicas. Seu comportamento, embora divino, é frequentemente antropomórfico: manifestam desejos, ciúmes, ambições e paixões semelhantes às humanas. Já os semideuses, frutos da união entre deuses e mortais, vivem entre os dois mundos — o divino e o humano — e frequentemente se tornam protagonistas de grandes epopeias. Os heróis, por sua vez, são figuras centrais nos enredos míticos, cujas jornadas envolvem feitos excepcionais, provações extremas e aprendizados que muitas vezes os conduzem à glória ou à ruína.

No cerne dessas narrativas está o conceito de destino, ou moira, entendido como uma força superior, anterior até mesmo aos próprios deuses, que rege os acontecimentos e determina o curso da vida humana. A mitologia grega reflete, assim, uma tensão constante entre escolhas condicionadas e a possibilidade de liberdade. Se, por um lado, os heróis enfrentam missões pré estabelecidas — como no caso dos doze trabalhos de Hércules —, por outro, ainda se observam momentos de tomada de decisão que revelam traços de livre-arbítrio. No entanto, tais escolhas quase sempre ocorrem sob a vigilância ou interferência das divindades, o que põe em xeque a autonomia dos indivíduos diante de um cosmos regido por forças superiores.

As intervenções divinas nas histórias mitológicas são recorrentes e revelam a precariedade da vontade humana diante do poder do sagrado. Deuses punem, recompensam,

testam e redirecionam os caminhos dos mortais, seja por interesse próprio, seja como forma de reafirmar a ordem cósmica. Essa interferência constante evidencia um universo em que os limites entre o humano e o divino são porosos, e onde a tragédia muitas vezes se impõe como desfecho inevitável.

Nesse contexto, a tragédia na mitologia grega emerge como uma forma de dramatização dessas tensões. Os mitos possuem elementos trágicos ao apresentarem personagens dilacerados por conflitos morais, presos entre a responsabilidade pessoal e as forças do destino. Os enredos trágicos — como os de Édipo, Antígona ou Medeia — revelam não apenas a inevitabilidade do sofrimento, mas também a complexidade das decisões humanas em um universo moral ambíguo. A tragédia, mais do que simplesmente narrar o infortúnio, convida à reflexão sobre a culpa, o erro, a justiça e a condição humana diante da inexorabilidade do destino.

Enquanto os mitos oferecem explicações simbólicas e alegóricas sobre o mundo, as tragédias, dentro do mito, aprofundam os dilemas existenciais e éticos contidos nessas narrativas. A epopéia e a tragédia estão fortemente enraizadas no conceito heróico e mesmo que não sejam exploradas da mesma forma em ambas as tendências. Ambas as formas expressivas estão intimamente relacionadas, pois partilham dos mesmos personagens, temas e contextos culturais. Entretanto, é na tragédia que o mito se torna palco de angústia e questionamento, ampliando sua dimensão filosófica e revelando a densidade emocional e moral da experiência humana. Segundo Jean-Pierre Vernant e Pierre Vidal-Naquet (1999):

O mito heróico não é trágico por si só, é o poeta trágico que lhe dá esse caráter. É certo que os mitos comportam, tanto quanto se queira, essas transgressões de que se nutriam as tragédias: incesto, o parricídio, o matricídio, o ato de devorar os filhos, mas não comportam em si mesmos nenhuma instância que julga tais atos, como as que a cidade criou, como as que o coro exprime a seu modo. Em qualquer lugar onde se tem a ocasião de conhecer a tradição, onde se exprimiu o mito, constata-se que é o poeta trágico que fecha o círculo que é a tragédia (Vernant e Vidal-Naquet 1999:271).

Dessa forma, a mitologia grega, em sua intersecção com o conceito de destino e com a tragédia, não apenas explica o mundo, mas também oferece um espelho atemporal para os dilemas humanos. Por meio de heróis, deuses e narrativas trágicas, a cultura grega legou ao

pensamento ocidental uma rica tradição de reflexão sobre o livre-arbítrio, a responsabilidade e os limites da ação humana em um universo marcado por forças maiores.

3.2. Resumo de obras e leitura crítica: a construção do destino em Hércules

Hércules - o filme

Lançado pela Disney em 1997, Hércules é uma animação da Disney dirigida por Ron Clements e John Musker, inspirada na mitologia grega. A análise da animação Hércules (Disney, 1997) é aqui proposta não como uma leitura fiel à mitologia original, mas como recurso complementar para observar como temas antigos, como o destino, a liberdade e o heroísmo, continuam sendo revisitados em narrativas modernas. O uso de uma obra contemporânea, voltada ao público infantojuvenil, permite visualizar como esses conceitos mitológicos são ressignificados dentro de uma linguagem acessível e culturalmente próxima do espectador contemporâneo. Dessa forma, o filme é analisado como uma forma simbólica de perpetuação e adaptação dos valores e dilemas presentes na mitologia grega, contribuindo para a compreensão de como a noção de destino permanece viva e reinterpretada em diferentes contextos históricos.

A narrativa acompanha Hércules, um jovem dotado de força sobre-humana que, para tornar-se um verdadeiro herói e recuperar seu lugar no Olimpo, precisa provar seu valor na Terra. Criado entre os humanos, embarca em uma jornada repleta de aventuras, enfrentando monstros, vilões e dilemas relacionados à sua identidade. Com a ajuda do treinador de heróis Filoctetes e de Mégara, Hércules descobre que ser herói vai além da força física, envolvendo coragem, sacrifício e generosidade.

Ao observar a história apresentada no filme, percebe-se que o enredo traz, ainda que de forma adaptada, aspectos centrais da mitologia original de Hércules, ainda que em menor intensidade em relação aos famosos doze trabalhos. Na adaptação da Disney, Hércules é apresentado como filho legítimo de Hera e Zeus — uma alteração notável, visto que, na mitologia original, Hércules é fruto de uma relação extraconjugal de Zeus com uma mortal, Alcmena. A mudança provavelmente visou adequar a narrativa ao público infantil, evitando temas considerados inadequados. Essa escolha não altera, contudo, a centralidade do destino

na trajetória do herói, tampouco elimina os conflitos existenciais e éticos que permeiam sua jornada.

Hércules, como filho de dois dos principais deuses do panteão grego, nasce com poderes extraordinários, o que passa a representar uma ameaça aos planos de Hades. No mundo inferior, Hades trama a queda do Olimpo, planejando libertar os Titãs durante um raro evento astrológico, o alinhamento dos planetas. Essa conexão entre eventos celestes e grandes transformações ilustra como a astrologia e o conceito de destino estão entrelaçados em uma versão da mitologia reinterpretada à luz do pensamento moderno. As Moiras, figuras responsáveis pelo fio da vida dos mortais, profetizam que, caso os Titãs sejam libertados, Hades conseguirá triunfar sobre os deuses do Olimpo — a menos que Hércules o impeça. Essa profecia marca o destino do herói, revelando a inevitabilidade de seu percurso e configurando a presença do fatalismo. Seu futuro já está determinado pela ordem cósmica: tornaria-se um herói. Para impedir a realização dessa profecia, Hades ordena a morte de Hércules ainda na infância. Contudo, o plano falha, pois Hércules não consome por completo a poção que o tornaria mortal. Assim, perde sua divindade, mas mantém sua força extraordinária.

Abandonado em um beco, o menino é encontrado por um casal de camponeses que, não podendo ter filhos, decide adotá-lo. Anos mais tarde, apesar da força física impressionante, Hércules é desajeitado e socialmente rejeitado, pois sua falta de controle sobre seus poderes causa destruição. Sentindo-se deslocado, busca respostas sobre sua verdadeira origem. Seus pais adotivos revelam o medalhão encontrado junto a ele, portando o símbolo do Olimpo, o que o motiva a procurar orientação no templo de Zeus.

Em resposta às suas preces, Zeus revela a verdade: Hércules é seu filho e foi sequestrado ainda bebê. Para recuperar sua divindade, ele deveria tornar-se um verdadeiro herói. Assim, orientado por Zeus, Hércules procura Filoctetes, um sátiro e treinador de heróis desiludido com fracassos anteriores. Com alguma insistência e uma intervenção divina, Hércules consegue convencê-lo a aceitar o desafio.

Embora seja uma obra voltada ao público infantojuvenil, a animação Hércules, da Disney, preserva certos elementos superficiais do mito original, busca reinterpretar os doze trabalhos de Hércules como uma aventura empolgante, com o objetivo de motivar e engajar o público jovem, adaptando a narrativa original para torná-la mais acessível e atraente à

sensibilidade da juventude contemporânea. Contudo, ela não mantém aspectos estruturais da mitologia grega clássica. Um exemplo claro dessa simplificação é a representação do nascimento de Hércules: na tradição mitológica, é filho bastardo de Zeus com uma mortal, e essa condição é precisamente o motivo do ódio de Hera, que, tomada pelo ciúme, o persegue implacavelmente e o que, na versão clássica, motiva os famosos doze trabalhos.

Na animação, porém, essa complexidade é suavizada para adequar-se a uma visão mais idealizada e moralmente aceitável ao público-alvo. O personagem é retratado como um herói puro, generoso e corajoso, alinhando-se ao conceito contemporâneo de heroísmo, muito distante da figura tradicional do herói grego, frequentemente ambíguo — um misto de guerreiro, pirata e ladrão.

Ainda assim, o filme trabalha com a ideia de destino, apresentando a ascensão de Hércules ao Olimpo como algo previamente determinado pelas Moiras. No entanto, essa realização não ocorre de maneira automática; ao contrário, exige esforço consciente, aprendizado e superação de desafios, ressaltando valores como perseverança e autodescoberta. O personagem, mesmo após perder sua condição divina, opta por perseguir seu destino de forma autônoma, buscando mérito próprio para alcançar a imortalidade. Assim, não se observa uma simples obediência à ordem cósmica, mas a conjugação entre predestinação e agência individual.

Sua primeira missão é resgatar Mégara — personagem que, a princípio, aparenta ser uma donzela em perigo, mas que, na realidade, trabalha secretamente para Hades. O relacionamento entre os dois torna-se um ponto crucial da trama, pois representa a entrada de fatores emocionais e afetivos capazes de influenciar as decisões do herói. Mégara havia vendido sua alma em troca da vida de um amado que, posteriormente, a traiu, o que a tornou cética em relação aos homens. Esse encontro é crucial, pois é através disso que Hades descobre que Hércules está vivo.

Ao longo da narrativa, Hércules enfrenta diversos desafios, que passam de maneira rápida, mas simbolizam os 12 trabalhos de Hércules, enviados por Hades, que, ironicamente, apenas fortalecem suas habilidades e aprimoram seu controle. A fama crescente de Hércules desperta a sua arrogância e o excesso de confiança, fazendo-o ignorar os conselhos de seu mentor, principalmente no que tange sua relação com Mégara. Ela inicialmente infiltrada para descobrir a fraqueza de Hércules, acaba genuinamente se apaixonando por ele, optando por

abandonar seu acordo com Hades mesmo que isso lhe custasse a liberdade. Percebendo o laço afetivo entre os dois, Hades explora esse ponto fraco. Filoctetes, desconfiado, descobre a traição e tenta alertar Hércules, que, tomado pela prepotência e cegueira amorosa, rejeita seu mentor.

Em uma tentativa final de derrotar Hércules, Hades coloca Mégara em perigo. Para salvá-la, Hércules aceita abdicar de sua força, cometendo assim seu maior erro. A confiança excessiva em Hades e a negligência dos conselhos recebidos permitem que o vilão avance seus planos e quase consiga destruir tudo. Ao confiar em Hades e abdicar de seus poderes para salvar Mégara, Hércules é manipulado, tornando-se vulnerável. Sua busca por reconhecimento e fama, ou seja, à arrogância e o excesso de autoconfiança o cega quanto ao verdadeiro sentido do heroísmo. O protagonista confunde notoriedade pública com valor ético, ignorando os conselhos de seu mentor e subestimando os riscos das próprias ações. Essa ilusão é desfeita quando ele perde seus poderes e se vê impotente diante do sofrimento de Mégara e da ameaça crescente ao Olimpo. Nesse contexto, o destino de Hércules parece ameaçado não por forças divinas externas, mas por suas próprias escolhas equivocadas. A narrativa evidencia, assim, que mesmo quando se está na direção do caminho traçado pelo destino, é possível desviar-se por influência de fatores externos e internos, pois o cumprimento do propósito predestinado não ocorre de forma linear ou garantida. Interferências divinas, experiências emocionais intensas, relações interpessoais e decisões impulsivas são capazes de modificar temporariamente a trajetória do herói. Essa constatação reforça a complexidade da relação entre destino e livre-arbítrio, revelando que o destino, embora ofereça uma orientação geral, não se impõe de maneira absoluta ou imutável. A realização do destino exige, portanto, o exercício consciente da liberdade individual diante das circunstâncias.

Hércules, ao reconhecer seu erro, mesmo desprovido de seus poderes, luta bravamente para proteger a população, demonstrando que a condição de herói vai além da mera força física. Nesse processo, passa a recorrer a outros recursos, como estratégias, ainda que arrisque a própria vida, evidenciando um amadurecimento diante das consequências de seus atos. Independentemente dos riscos envolvidos, busca reparar seu erro e, assim, tentar conseguir derrotar Hades.

Hades, porém, tenta capturar a alma de Mégara após cortar o fio de sua vida. Hércules, em um gesto final de heroísmo, oferece sua própria alma em troca da alma de Mégara e

mergulha no rio das almas perdidas. Esse sacrifício prova seu altruísmo e completa sua transformação em herói, pois ao abrir mão de sua vida ao se lançar no rio Estige para resgatar a alma de Mégara. Representa um sacrifício pleno. A disposição de morrer por amor evidencia o amadurecimento do herói, que finalmente compreende que o verdadeiro heroísmo não reside na força física, mas no altruísmo, na abnegação e na coragem moral. O sacrifício, paradoxalmente, permite a restauração de sua divindade e o reconhecimento definitivo como herói digno do Olimpo.

Contudo, Hércules recusa a imortalidade para permanecer ao lado de Mégara, encerrando sua jornada com uma escolha pessoal que valoriza o amor e a humanidade sobre a glória eterna. Essa decisão reafirma a ideia de que o livre-arbítrio, ainda que limitado pelas circunstâncias do destino, é decisivo na construção da identidade do herói. Ao optar por permanecer entre os mortais, Hércules não renega o destino traçado, mas o ressignifica, escolhendo vivê-lo de forma ética e consciente. Assim, a narrativa conclui que a verdadeira grandeza do herói não reside em seus feitos físicos ou na glória alcançada, mas na força de seu coração, como afirma Zeus: “Um verdadeiro herói não se mede pela força, mas pela força de seu coração.” Por fim, Filoctetes também realiza seu sonho ao ver Zeus criar uma constelação em homenagem a Hércules.

A trajetória de Hércules, conforme animação da Disney, evidencia que seu destino foi traçado desde o nascimento. Apesar das inúmeras tentativas de intervenção divina, especialmente por parte de Hades, o curso de sua vida seguiu a direção prevista. Mesmo ao se apaixonar e, por amor, colocar sua missão e até sua própria vida em risco, Hércules não perdeu a capacidade de fazer escolhas. Embora suas decisões estivessem condicionadas às forças maiores do destino, foi por meio delas que o herói alcançou o final que verdadeiramente desejava, demonstrando que, ainda sob a sombra do fatalismo, a vontade individual e o coração têm papel essencial na construção do próprio caminho.

Hércules e os 12 trabalhos

Com base na obra de Luiz Galdino (*Os doze trabalhos de Hércules*, 2000), observa-se na obra que, por meio de uma abordagem filosófica, literária e simbólica, o mito de Hércules revela as ambiguidades da condição humana diante do sofrimento, da culpa e da busca constante por redenção. O autor narra as origens, características e a trajetória do herói,

destacando sua construção simbólica e suas contradições internas. Hércules é retratado não apenas como um ser dotado de força e coragem excepcionais, mas também como uma figura que enfrenta desafios profundos ligados ao destino, à virtude e à complexidade da existência humana, especialmente por meio da realização de seus doze trabalhos.

A narrativa inicia-se com um jovem Hércules, ainda morador de Tebas, que desde cedo demonstra comportamento agressivo e atração por confrontos físicos, revelando traços marcantes de impulsividade e desequilíbrio emocional. A obra destaca a presença da **acrásia**, que segundo Feitosa (2017, p. 216), para Sócrates, é condição daquele que se deixa conduzir e dominar pelos prazeres e acaba por perder sua autonomia como ser humano, tornando-se escravo de suas próprias inclinações. Esse conceito filosófico designa a incapacidade de agir conforme a razão, mesmo conhecendo o bem. Tal condição marca profundamente a vida do herói, que frequentemente age sob o impulso da raiva, arrependendo-se em seguida de seus atos.

O conflito entre pai e filho emerge como um dos principais núcleos dramáticos da narrativa. Anfitrião, pai adotivo de Hércules, é apresentado como um homem rígido, frustrado com a rebeldia e o desinteresse do filho pelos estudos. O ápice desse conflito ocorre quando Hércules mata acidentalmente seu professor, Lino, após um surto de fúria. Diante do ocorrido, Anfitrião decide banir o filho para o Monte Citéron, impondo-lhe o desafio de aprender a dominar sua força.

Durante o exílio, Hércules amadurece, mas continua guiado pela ideia de retomar o trono de Micenas, usurpado por seu primo Euristeu. Ao retornar a Tebas, protagoniza um episódio violento contra soldados invasores, o que reacende os temores da população e a reprovação de seu pai. Em meio à tensão, Hércules convence o rei Creonte a permitir que ele lidere o exército tebano. Na batalha que se segue, derrota o inimigo Ergino, mas perde Anfitrião, morto no campo de guerra. Devastado, Hércules busca o adivinho Tirésias, que lhe revela a verdade sobre sua origem: é filho de Zeus, fruto de um engano de Alcmena, que foi seduzida pelo deus disfarçado de Anfitrião. A revelação de sua ascendência divina é acompanhada de um novo fardo: a perseguição eterna de Hera, esposa de Zeus, movida pelo ciúme da traição do marido.

O texto também resgata episódios menos conhecidos, como o nascimento de Hércules e a interferência de Hera, que atrasou o parto de Alcmena para garantir que Euristeu nascesse

antes e fosse declarado rei, conforme promessa arrancada de Zeus. Desde o início, a vida de Hércules é marcada por manipulações divinas, injustiças e imposições do destino.

Mesmo após casar-se com Mégara e tentar viver uma vida comum, Hércules é tragado por uma nova onda de tragédia. Hera, determinada a destruí-lo, envia divindades para enlouquecê-lo. Num acesso de fúria, ele assassina a esposa e os filhos, em uma sequência brutal que só é interrompida pela deusa Atena. Ao recobrar a consciência, Hércules é dominado pela culpa e pelo desespero.

O estudo conclui que a figura de Hércules, longe de ser apenas símbolo de força bruta e heroísmo, representa um profundo dilema humano: o conflito entre natureza e razão, entre destino e escolha, entre glória e tragédia. Sua vida é marcada por sucessivas perdas, provações impostas pelos deuses e, sobretudo, pela luta contra si mesmo.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso analisa a trajetória de Hércules pode ser analisada por meio dos doze trabalhos impostos por Euristeu, explorando suas implicações simbólicas e filosóficas acerca do destino, da virtude e da condição humana. Ao longo da narrativa, Hércules enfrenta desafios que exigem não apenas força física, mas também engenhosidade, coragem e, sobretudo, resistência diante de provações que transcendem a esfera do heroísmo convencional.

O primeiro trabalho consiste em matar o Leão de Nemeia, uma criatura cuja pele era impenetrável. Após observá-lo durante 29 dias, Hércules elabora uma estratégia e o enfrenta dentro da caverna onde o animal dormia. Usando apenas a força bruta, o estrangula e, posteriormente, arranca sua pele com as próprias garras do leão. Essa pele torna-se, desde então, seu símbolo e armadura. O episódio marca o início da construção de sua imagem como alguém que supera a própria limitação humana.

O segundo trabalho o confronta com a Hidra de Lerna, uma serpente de múltiplas cabeças regenerativas e hálito venenoso. Com a ajuda de seu sobrinho Iolau, Hércules cauteriza os pescoços após cada decapitação, impedindo que as cabeças se multipliquem. O confronto evidencia a importância da inteligência e da colaboração, desafiando o modelo do herói isolado. A interferência de Hera, com o envio de um caranguejo gigante, acrescenta uma dimensão divina de oposição constante ao herói.

Na terceira tarefa, Hércules captura vivo o javali de Erimanto, enfrentando o frio extremo e utilizando sua astúcia para prender o animal em um buraco coberto de neve. Antes disso, em sua visita aos centauros Pholus e Quíron, acidentalmente causa a morte do sábio Quíron, episódio que introduz um tom trágico e de culpa à jornada heróica, mostrando que mesmo as boas intenções podem gerar sofrimento irreversível.

A quarta tarefa, que consiste em capturar viva a corça sagrada de Ártemis, evidencia o conflito entre dever e devoção. Hércules a fere levemente para impedir sua fuga e, confrontado pela deusa, justifica sua missão com humildade. A deusa permite que ele a leve até Euristeu, desde que a devolva à natureza ilesa.

Na quinta missão, Hércules expulsa as aves do lago Estínfale com o auxílio de castanholas de bronze dadas por Atena, reconhecendo mais uma vez que a intervenção divina e o engenho podem suplantar a força bruta.

Em seguida, o herói limpa as estrebarias do rei Áugias desviando o curso de dois rios, demonstrando engenhosidade e domínio sobre a natureza. Sem esperar reconhecimento, retira-se silenciosamente, reforçando o ideal estoico do dever cumprido sem vanglória.

O sétimo trabalho envolve a captura do Touro de Creta, símbolo do descontrole causado por Minos ao desafiar Poseidon. A vitória de Hércules sobre o animal representa a restauração da ordem frente à desobediência humana às divindades.

Na oitava tarefa, Hércules derrota Diomedes, rei da Trácia, e doma seus jumentos carnívoros. O episódio mostra o herói confrontando a barbárie e a tirania, mas também revela sua fúria implacável ao lançar Diomedes para ser devorado pelas próprias criaturas.

O nono trabalho o conduz ao mundo das amazonas, onde deve obter o cinto de Hipólita. Embora inicialmente bem recebido, a interferência de Hera provoca a guerra e a morte da rainha, fazendo com que a tragédia acompanhe mesmo os atos de conciliação. Hércules parte com o cinto, mas profundamente abalado.

Na sequência, Hércules derrota Gérion, um gigante de três corpos, e conduz seu rebanho até Micenas. Aqui, o combate direto evidencia novamente sua força e coragem inabaláveis.

O décimo primeiro trabalho, talvez o mais simbólico, exige que Hércules roube as maçãs do Jardim das Hespérides. Para tanto, consulta entidades divinas, liberta Prometeu e engana Atlas, mostrando que sabedoria e perspicácia também fazem parte de sua jornada. As maçãs, recusadas por Euristeu, são devolvidas por Atena, reafirmando que os dons divinos pertencem apenas ao mundo sagrado.

Finalmente, no seu último trabalho, Hércules desce ao mundo dos mortos para capturar Cérbero, o cão guardião do Hades. Após uma travessia angustiante e uma luta violenta, o herói consegue subjugar o monstro com as mãos nuas, como exigido, e retorna vitorioso. A travessia do inferno representa sua superação definitiva dos limites humanos, encerrando o ciclo de expiação que justificava seus trabalhos.

Ao completar os doze trabalhos, Hércules não apenas demonstra seu valor e conquista reconhecimento entre os gregos, mas também enfrenta, em cada missão, os dilemas do destino, a vulnerabilidade da existência humana e a constante intervenção das forças divinas. Sua trajetória é permeada por conquistas e perdas, honra e culpa, indicando que o verdadeiro heroísmo não se limita à vitória, mas se revela na persistência diante do inevitável e na aceitação consciente do próprio destino.

Ao final desta jornada, torna-se evidente que as façanhas de Hércules transcendem a força física e a coragem bruta. Cada um dos seus trabalhos, analisado ao longo dos sessenta capítulos, desdobra-se em múltiplas camadas simbólicas, revelando uma profunda reflexão sobre os desafios universais da humanidade. A grandeza do herói reside, sobretudo, em sua capacidade de transformação: ele aprende, amadurece e enfrenta não apenas inimigos externos, mas também suas próprias contradições e sombras internas. Assim como Hércules, somos convidados a confrontar nossos próprios monstros, a atravessar os nossos infernos simbólicos e a buscar, com coragem, inteligência e humildade, uma versão mais íntegra de nós mesmos. A obra de Galdino (2000), não se restringe à narrativa de um herói mitológico, mas espelha, de maneira simbólica, a jornada de cada ser humano em direção ao autoconhecimento e à superação.

3.3. Análise comparativa: representações do destino sobre Hércules

A história de Hércules está profundamente marcada pela influência do destino. A estrutura narrativa do mito herculano é marcada por uma ordem cósmica que está além de sua vontade. No entanto, apesar da presença constante do destino como elemento estruturante, é possível identificar, ao longo da narrativa, traços tanto de escolhas livres quanto de escolhas condicionadas. Hércules não sofre unicamente às imposições dos deuses; ele também é vítima de seus próprios impulsos, os quais, por vezes, não consegue controlar.

A trajetória de Hércules é complexa e marcada por múltiplas camadas. Há, por um lado, a imagem que se constrói sobre ele — as expectativas dos outros, o papel social que lhe é atribuído — e por aquilo que o próprio herói deseja para si. Essas divergências delineiam os conflitos internos e externos que o personagem vivencia. Ainda assim, é notável que, ao longo da narrativa, Hércules amadurece e constrói seu caráter por meio das experiências que vivencia. Sua evolução não se dá exclusivamente por força do destino, mas também como resultado de suas ações, decisões e aprendizados.

O modo como Hércules realiza cada uma das tarefas que lhe são impostas revela que não é apenas dotado de força física, mas também de inteligência e coragem. A execução dos doze trabalhos exige criatividade, estratégia e capacidade de adaptação, indicando que, mesmo dentro dos limites traçados pelo destino, o herói exerce certa autonomia. Dessa forma, ainda que sua natureza semi-divina o destine a uma vida marcada por glória e sofrimento, a consolidação de sua identidade heroica ocorre através de suas próprias conquistas. Ser quem é não decorre apenas de uma escolha dos deuses, mas também de uma escolha pessoal, construída com base em suas experiências e em seu processo de amadurecimento.

Hércules é obrigado a consultar o oráculo e a se submeter a Euristeu. Suas escolhas, a partir de então, tornam-se condicionadas pelas consequências que enfrentaria caso desobedecesse à vontade divina. A influência do destino permanece constante: Hércules não escolheu seus pais, tampouco escolheu ser perseguido por Hera. Esses aspectos revelam a interferência das forças divinas em sua vida e os limites impostos à sua liberdade.

Entretanto, nem tudo em sua trajetória está pré-determinado. Ainda que não possa fugir da missão heroica que lhe foi imposta, sua personalidade e suas escolhas livres também

moldam seu percurso. Hércules tem autonomia sobre aspectos de sua vida, como o amor, as relações pessoais e a forma como lida com os desafios que lhe são apresentados. Sua história demonstra que, dentro de um contexto regido pelo destino, há espaço para a agência individual.

Assim, ao longo de sua jornada, Hércules não se afirma como herói apenas por ter sido escolhido para sê-lo, mas por ter se moldado como tal. A consolidação de sua identidade heroica é resultado de suas escolhas, de seu amadurecimento e da maneira como enfrenta as provações que lhe são impostas.

O mito de Hércules ilustra de forma expressiva a tensão entre destino e livre-arbítrio. O herói é frequentemente confrontado com situações impostas pelos deuses ou determinadas por sua herança familiar, como o peso da culpa associada a Anfítrion e os desafios contínuos lançados por Hera. Tais elementos funcionam como metáforas para as condições externas que influenciam e moldam as decisões humanas, sugerindo que, embora exista uma margem de liberdade para agir, essa liberdade está sempre condicionada pelas circunstâncias que envolvem o sujeito.

O livre-arbítrio de Hércules é constantemente tensionado por três grandes forças: o destino divino, marcado por seu nascimento e dons extraordinários; as tradições culturais e familiares, que estabelecem valores como a vingança, a honra e o controle da força; e as narrativas sociais, que constroem sua imagem heróica independentemente de sua vontade. Assim, percebe-se que a liberdade do herói é cerceada não apenas por forças divinas, mas também por estruturas culturais, sociais e simbólicas. Seu destino não se resume às profecias ou aos decretos dos deuses, mas se inscreve em sua constituição interior e no meio social em que vive. Suas escolhas, portanto, são constantemente atravessadas por condicionamentos externos e internos.

Ao longo da narrativa, especialmente nas interações familiares e nos processos de educação, observa-se como as expectativas sociais e as pressões parentais contribuem para a formação da identidade e para a orientação das ações do herói. Hércules busca incessantemente aceitação e reconhecimento, especialmente por parte do pai adotivo, o que revela que muitas de suas decisões são guiadas mais pelo desejo de pertencimento do que por uma vontade autêntica. A construção de sua identidade é frequentemente conduzida por vozes

externas, o que põe em questão a autenticidade de suas escolhas e reforça a noção de que a individualidade é, em larga medida, uma construção social.

A identidade de Hércules é, em diversos momentos, moldada pela forma como os outros o percebem, mesmo em sua ausência. Ele é constantemente interpretado e definido por discursos sociais que o constituem como herói, mesmo quando está fora de cena, o que evidencia a força da cultura na formação da identidade e na projeção do destino como uma construção coletiva. O próprio herói percebe que o povo não se preocupa verdadeiramente com seu sofrimento ou com sua trajetória, mas apenas com a conclusão bem-sucedida de suas tarefas. Quando demonstram apoio, é porque reconhecem sua capacidade de vitória, não sua humanidade. Assim, além da identidade imposta pelo olhar alheio, é possível vislumbrar uma identidade íntima, verdadeira, ainda que silenciada.

A jornada de Hércules é também marcada por um processo de amadurecimento emocional e moral. Esse desenvolvimento é evidenciado pelo fortalecimento do autocontrole e pela crescente responsabilização por seus atos. Tal evolução indica uma passagem das decisões impulsivas para escolhas mais conscientes, sugerindo que, mesmo condicionadas, as ações podem se tornar progressivamente mais livres à medida que o sujeito adquire autoconhecimento e compreensão de si.

Entretanto, as limitações à liberdade do herói não se restringem ao plano externo. Há também um conjunto de fatores internos que influenciam suas decisões. A estrutura íntima de sua alma – seus impulsos e instintos – escapa muitas vezes à razão, revelando um determinismo de ordem psicológica ou afetiva que compromete o exercício pleno do livre-arbítrio. Hércules é descrito como alguém que, mesmo tendo consciência do erro, não consegue evitá-lo. Trata-se de uma representação clara da *acrásia*, ou seja, a fraqueza da vontade. Sua força física o torna praticamente invencível, mas sua incapacidade de controlar suas emoções o transforma em prisioneiro de si mesmo, constituindo uma profunda metáfora da condição humana.

Longe de ser apenas o símbolo da força bruta, Hércules é apresentado como uma figura complexa, cuja vulnerabilidade emocional e impulsividade evidenciam o conflito constante entre razão e desejo. Essa tensão remete à dificuldade de agir conforme o juízo racional, o que demonstra que muitas das decisões humanas são determinadas por fatores internos e inconscientes.

A obra, portanto, revela que as escolhas humanas são sempre realizadas dentro de contextos simbólicos, históricos e afetivos que limitam ou até anulam a liberdade aparente. A tradição cultural define o que se entende por justiça e dever, moldando a consciência do herói. Hércules age, muitas vezes, como alguém que apenas cumpre uma narrativa previamente estabelecida, reforçando a ideia de que o destino pode ser, também, uma construção cultural e social compartilhada.

A superação dos "trabalhos" e o enfrentamento de verdades dolorosas — como a descoberta de sua verdadeira origem — evidenciam que o sofrimento e o conflito são elementos fundamentais no processo de transformação. Hércules simboliza o ser humano que, mesmo diante de um destino aparentemente traçado, é capaz de converter a dor em aprendizado, alcançando uma forma mais profunda de liberdade: a capacidade de reconhecer suas limitações e, ainda assim, prosseguir em seu processo de crescimento.

Em síntese, a análise da trajetória de Hércules, à luz da tensão entre destino, escolhas livres e condicionadas, revela que a liberdade não reside na ausência de condicionantes, mas na habilidade de agir com consciência dentro das possibilidades que nos são dadas. Hércules torna-se, assim, um reflexo simbólico da jornada humana de autoconhecimento e superação. A figura mitológica do herói revela-se um símbolo atemporal da luta entre o que é imposto pelas forças do destino e o que pode ser moldado pela ação individual.

Ademais, episódios como a loucura induzida por Hera e o subsequente arrependimento do herói introduzem uma dimensão trágica na narrativa: o ser humano está sujeito a impulsos e forças que fogem ao seu controle, mas a responsabilidade por lidar com as consequências de suas ações ainda lhe pertence. Dessa forma, mesmo quando condicionadas por circunstâncias externas ou traumáticas, as escolhas de Hércules funcionam como caminhos de evolução pessoal e espiritual.

A narrativa também evidencia momentos em que Hércules questiona os próprios deuses e a justiça divina, ampliando o debate em torno da autonomia e da moralidade. Sua jornada ao submundo, por exemplo, representa o enfrentamento dos limites extremos da dor e do autoconhecimento, resultando em um retorno transformado, mais empático e consciente da complexidade da existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O destino pode ser, ao mesmo tempo, inevitável e surpreendentemente complexo. Não se trata de uma linha reta determinada por forças absolutas e imutáveis, mas de uma arquitetura feita por vontades — divinas, humanas e simbólicas — que, por vezes, se entrecruzam em conflitos e geram efeitos irreversíveis. A partir das reflexões filosóficas, mitológicas e culturais abordadas ao longo deste trabalho, torna-se possível afirmar que o destino não se impõe como uma prisão absoluta, mas tampouco permite ao sujeito total autonomia sobre a própria existência.

O destino, então, não é apenas um conceito abstrato ou uma crença fatalista: é um aspecto concreto da realidade. Conhecê-lo ou não, aceitá-lo ou não, não altera sua soberania e sim escolher a postura diante dele. A liberdade reside não na possibilidade de evitá-lo, mas na forma como se lida com o destino. Como afirma a filosofia existencialista, a consciência da finitude e da condição humana não elimina a liberdade, mas a redefine em termos de responsabilidade e autenticidade. Ao longo de sua jornada, Hércules enfrenta erros, tragédias e provações que não apenas desafiam sua força física, mas, sobretudo, sua inteligência emocional, sua capacidade de reflexão e sua resiliência diante das adversidades. A aceitação dos doze trabalhos, por exemplo, não se configura como um gesto de obediência cega aos deuses, mas como um ato consciente de enfrentamento do próprio destino, numa tentativa de redenção e de crescimento pessoal. Essa postura revela uma relação complexa entre aceitar o inevitável e exercer a liberdade possível — uma tensão contínua entre destino e escolha.

O fascínio do mito de Hércules reside justamente na sua capacidade de inspirar, ao mesmo tempo em que permanece ancorado em verdades humanas universais. A partir do equilíbrio entre motivação e pragmatismo, é possível extrair da narrativa não apenas aspirações idealizadas, mas também estratégias concretas para o enfrentamento dos desafios cotidianos. A busca pelo autodesenvolvimento, presente na trajetória do herói, configura-se como um chamado à ação e, simultaneamente, um lembrete dos limites e das potencialidades do ser humano. A forma como enfrenta o que lhe foi imposto — com coragem, força e dignidade — que se manifesta seu livre-arbítrio. O herói não escolhe seu caminho, mas escolhe como percorrê-lo. Essa tensão entre ação humana e forças superiores revela que a

liberdade não se dá pela ausência de condicionamentos, mas pela maneira como o sujeito responde ao que não pode mudar.

Nesse sentido, observamos que a crença no destino existe em concomitância com a consciência da liberdade da ação, de modo que, sem ação, não há destino. A própria concepção de destino implica que alguém se coloque em movimento, isto é, que haja uma participação ativa na concretização daquilo ao qual se foi destinado. O destino, portanto, não acontece apesar da ação, mas por meio dela. É a travessia que dá sentido à chegada.

A partir dessa perspectiva, compreende-se que o livre-arbítrio humano é profundamente limitado, mas não inexistente. Revela-se, sobretudo, nas pequenas decisões morais, afetivas e éticas — nas resistências silenciosas e nas escolhas conscientes dentro dos limites impostos pela vida. Assim, como propõe Garmatz em *A Soberania do Destino*, o ser é conduzido pela *Extarquia*, conjunto de determinantes que moldam e delimitam a existência. O nascimento, o tempo e o espaço em que se vive não são acidentais, mas parte de uma engrenagem metafísica que visa à realização da essência de cada ser.

Um exemplo notável dessa dinâmica é a astúcia de Hércules ao enganar Atlas e libertar Prometeu de seu castigo eterno. Tal episódio demonstra que a inteligência e a liberdade de ação podem, em certas circunstâncias, contornar os limites aparentes do destino. Ainda que muitos de seus caminhos tenham sido impostos, Hércules exerce escolhas genuinamente suas, revelando que o livre-arbítrio existe mesmo em contextos de forte determinação.

A travessia do herói é, assim, marcada por aprendizados fundamentais: a transformação da dor em força, a importância da persistência, o valor da humildade e do apoio mútuo. Em diversas situações, Hércules recorre à astúcia e à sabedoria, evidenciando que a inteligência pode, por vezes, superar a força física — o que funciona como metáfora para a liberdade de escolha mesmo em contextos limitadores.

O sujeito deve reconhecer que sua vida não é inteiramente fruto de sua vontade, nem totalmente determinada por forças externas: é uma travessia entre possibilidades e limites, entre a vontade e a estrutura. E nessa travessia, a liberdade se torna menos um poder absoluto e mais uma sabedoria — a de agir com dignidade dentro daquilo que não se pode mudar.

Por fim, a história de Hércules oferece uma metáfora poderosa sobre a condição humana: uma trajetória permeada por adversidades, nas quais o destino impõe limitações, mas onde a escolha — ainda que relativa — permanece como um instrumento fundamental de liberdade, superação e construção de sentido. Hércules se torna, assim, uma figura paradigmática que demonstra que não é o controle total dos eventos que define o herói, mas a maneira como ele responde a eles com coragem, sabedoria e reflexão. O destino pode traçar o cenário — os trabalhos, os encontros, os limites impostos pelos deuses —, mas é o livre-arbítrio que determina a atuação de Hércules nesse palco. Ele não é o senhor dos acontecimentos, mas é senhor de suas reações. Essa perspectiva nos leva à ideia de que, embora o destino delimite o espaço da ação, é a liberdade de responder a ele que molda a verdadeira grandeza do herói.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA NETO, Ermes . O eterno retorno na filosofia de Friedrich Nietzsche. Faculdade São Basílio Magno, FASBAM, 20 ago. 2020. Disponível em: <https://fasbam.edu.br/2020/08/20/o-eterno-retorno-na-filosofia-de-friedrich-nietzsche/>.

Acesso em: 20 jul. 2025.

BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. v.1

CAMPBELL, Joseph. O poder do mito. 25. ed. São Paulo: Palas Athena, 2007.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. Metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

EBRAMEC. Curiosidades da China: a lenda dos fios vermelhos (Akai Ito). EBRAMEC – Escola Brasileira de Medicina Chinesa, [s.d.]. Disponível em: <https://www.ebramec.edu.br/curiosidades-da-china-lenda-dos-fios-vermelhos-akai-ito/>.

Acesso em: 20 jul. 2025.

FEITOSA, Zoraida Maria Lopes. A questão da acrasia na filosofia de Platão. Prometheus - Journal of Philosophy., [S. l.], v. 10, n. 23, 2017. DOI:

10.52052/issn.2176-5960.pro.v10i23.5556.

Disponível

em:

<https://periodicos.ufs.br/prometeus/article/view/5556> . Acesso em: 20 jul. 2025.

FILOSOFIA NA ESCOLA. O eterno retorno segundo Nietzsche. Filosofia na Escola, [s.d.].

Disponível em: <https://filosofianaescola.com/metafisica/o-eterno-retorno-segundo-nietzsche/>.

Acesso em: 20 jul. 2025. GARMATZ, Diogo Mateus. *A soberania do destino – uma busca pelo sentido da vida*. Porto Alegre: RJR, 2020.

FRANKL, Viktor Emil. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 39 ed. Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

FRANKL, Viktor Emil. *O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver*. Tradução de Karleno Bocarro. São Paulo: É Realizações Editora, 2015.

PLATÃO. *A República de Platão*. Tradução e organização de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2012.

GALDINO, Luiz. *Os doze trabalhos de Hércules*. São Paulo: FTD, 2000.

MOLON, Marcel André. *Deliberação, escolha, ação e responsabilidade moral em Aristóteles*. 2015. 126 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/1187/Dissertacao%20Marcel%20Andre%20Molon.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 jul. 2025.

Nietzsche, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência*. São Paulo: Campanha das letras, 2012., p. 205."

PINHEIRO, Marcus Reis. *Determinismo, liberdade e astrologia nos estóicos*. História, Imagem e Narrativas, [S. l.], n. 10, edição especial, abr. 2010. Disponível em: <https://agriculturaceste.com/wp-content/uploads/2025/06/Marcus-Reis-Determinismo-Liberdade-e-Astrologia-Nos-Estoicos.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2025.

PORDEUS, M. P.; CAETANO, W. de S.; SILVA, F. G. A.; ROCHA, D. E.; DA SILVA, J. O.; ARAÚJO, R. R.; DE SOUSA, D. F. A.; AMORA, J. T. de M. A logoterapia de VIKTOR Frankl e a contribuição filosófica de Albert Camus no cenário de suicídio de pessoas idosas. Revista Contemporânea, [S. l.], v. 3, n. 8, p. 11479–11501, 2023. DOI: 10.56083/RCV3N8-084. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/648> . Acesso em: 20 jul. 2025.

PROFESSOR, Eduardo. Soul e a filosofia: reflexões sobre vida, destino e a busca pela satisfação. Medium, 2021. Disponível em: <https://medium.com/@profedworld/soul-e-a-filosofia-reflex%C3%B5es-sobre-vida-destino-e-a-busca-pela-satisf%C3%A7%C3%A3o-b143b643d723>. Acesso em: 20 jul. 2025.

VERGARA, Sylvia C. Projetos e relatórios de pesquisa em administração. 3.ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. Mito e tragédia na Grécia antiga. São Paulo: Perspectiva, 1999. 376 p. (Coleção Estudos, 163). ISBN

Filmes e Músicas

CARTAS PARA JULIETA. Direção: Gary Winick. EUA: Summit Entertainment, 2010. Filme (1h 45min).

COMO SERIA SE ...?. KAHIU, Wanuri (Direção). [Look Both Ways]. Estados Unidos: Netflix, 2022. Filme (1h 50min).

DISNEY. Hércules. Direção: Ron Clements e John Musker. EUA: Walt Disney Pictures, 1997. Filme (92 min)

SANTOS, Lulu. Toda Forma de Amor. In: Lulu. Warner Music Brasil, 1988. <https://www.letras.mus.br/lulu-santos/103/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

SOUL. Direção: Pete Docter; Kemp Powers. Produção: Dana Murray. [S.l.]: Walt Disney Pictures; Pixar Animation Studios, 2020. 1 vídeo (100 min), son., color.

THE CLIMB – Tradução. Letras.mus.br. Disponível em: <https://www.letras.com/miley-cyrus/1426246/traducao.html>. Acesso em: 20 jul. 2025.